



AFLUENTE: REVISTA DE  
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

*Claudemir Sousa*

*Universidade Estadual Paulista Júlio de  
Mesquita Filho*

*[orcid.org/0000-0002-5318-5040](https://orcid.org/0000-0002-5318-5040)*

*[claudemir201089@hotmail.com](mailto:claudemir201089@hotmail.com)*

*A escrita e a memória como ferramentas de  
construção identitária em  
“Terra Sonâmbula”, de Mia Couto*

*RESUMO: Neste artigo, objetiva-se discutir a importância da escrita e da memória na constituição da identidade na obra “Terra Sonâmbula”, de Mia Couto (2007). Para tanto, mobilizamos as discussões de autores dos campos da Análise do Discurso (PÊCHEUX, 1999; COURTINE, 2008; 2009), dos Estudos Culturais (BAUMA, 2005; HALL, 2006), da sociologia (DAVALLON, 1999; HALBWACHS, 2006; MUNANGA, 2006) e da Literatura (FEITOSA, 2010). A metodologia empregada tem uma abordagem qualitativa, de cunho descritivo e interpretativo, na medida em que lançamos mão do referido romance para leitura e análise, à luz do repertório teórico supracitado, destacando alguns excertos relevantes para a discussão aqui empreendida. Conclui-se que a constituição dos personagens do romance decorre do entrelaçamento, na leitura dos cadernos de Kindzu, entre a escrita e a memória oral, que fazem emergir uma memória individual e coletiva de Moçambique, nem sempre acionadas na memória discursiva do leitor.*

*Palavras-chave: Discurso; Leitura; Memória; Identidade.*

## INTRODUÇÃO



Do mesmo modo que a recitação do mito ou os gestos litúrgicos seguem a estrutura do mito ou do ritual, cada leitura é em si mesma uma pequena recitação (DAVALLON, 1999, p. 31).

Diversos estudiosos da leitura têm demonstrado que ela é um processo dialógico, que depende de conhecimentos prévios, seja da língua, de vivências no mundo ou de leituras que compõem um tipo de enciclopédia virtual (MARCUSCHI, 2008). Essa concepção se aplica à leitura literária, na qual os leitores nem sempre conseguem dialogar com os propósitos discursivos do autor (BAKHTIN, 2011) para construir sentidos. As características estilísticas da Literatura Africana em Língua Portuguesa, substancialmente feita por um processo de escrita que promove a recitação de acontecimentos passados, a lembrança de vivências partilhadas por membros de comunidades que possuem um passado colonial, tornam necessário aos leitores se engajar em trajetos de leitura que possibilite compreender a complexidade das rememorações ali presentes, suscitando leituras sem as quais não se consegue acessar a memória discursiva engendradora nessa literatura, ou seja, "os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc." (PÊCHEUX, 1999, p. 52), que a compõem.

A literatura é uma arte de memória e essa última, por seu turno, é um recurso de que os autores de países colonizados lançam mão como artifício para driblar duas forças que agem na sua cultura: a globalização e a modernidade. Essas forças agem atualizando a retórica colonial (MIGNOLO, 2017). A colonialidade é uma prática de dominação presente em toda a história da humanidade, não se restringindo aos chamados "períodos coloniais". Nos países do continente africano, essa colonialidade teve uma periodização mais recente e duradoura.

Para Mignolo (2017, p. 2), a colonialidade é o lado mais obscuro da modernidade ocidental, uma matriz de poder e uma "lógica subjacente da fundação e do desdobramento da civilização



ocidental desde o Renascimento até hoje, da qual colonialismos históricos têm sido uma dimensão constituinte, embora minimizada". Essa matriz de poder está culminando com o neoliberalismo capitalista da atualidade.

As invasões europeias ao continente africano, bem como às Américas, se basearam na ideia de modernidade e no seu lado obscuro, que é a colonialidade, com base em um discurso de progresso, salvação e novidade, para promover uma estrutura de controle e administração da autoridade, da economia e da subjetividade. A literatura dessas ex-colônias se baseia em uma retórica decolonial, segundo a qual "nenhum ser humano tem o direito de dominar e se impor a outro ser humano" (MIGNOLO, 2017, p. 14).

Assim, tendo em vista que o passado colonial comum, fruto do domínio por diferentes países europeus durante longos anos, deixou marcas no imaginário do povo de África, buscamos os ecos da memória social na literatura produzida em língua portuguesa por Mia Couto, que representa uma Moçambique pós-guerra de independência no livro "Terra Sonâmbula" (COUTO, 2007), no qual a memória é a grande operadora de uma teia discursiva que entrelaça o antigo e o novo tempo desse país após as lutas pela libertação em África.

Pretende-se, neste artigo, discutir a importância da escrita e da memória na constituição da identidade na obra "Terra Sonâmbula" (COUTO, 2007) desse autor, na qual os personagens Muidinga e Tuahir trilham um percurso memorialístico e identitário nas leituras que fazem do caderno de Kindzu, para o qual a escrita de suas experiências evidencia a percepção de pertencimento a um mundo e a busca de si próprio. Nos dois processos, o que está em jogo é a visão de um passado mítico, que persiste na memória e é fator relevante nas relações intersubjetivas, pois o passado rememorado corrobora os acontecimentos do presente, tornando-o um momento mágico, que, se causa estranhamento a alguns leitores, por ser alheio ao seu horizonte espacial ou por ele não partilhar tal memória, para outros, de diferentes países de passados coloniais semelhantes, possibilita tencionar uma memória coletiva secular, que não se traduz em lembrança, mas em pertencimento.



Essa discussão está ancorada nos estudos de Pêcheux (1999), sobre a memória como portadora de um programa de leitura; de J.J. Courtine (2009), sobre a memória discursiva como condição do dizer e da leitura; de Halbwachs (2006), acerca da “memória coletiva”; e de Davallon (1999), que compreende a memória como a recitação de um mito. Também buscamos suporte nas teorizações de autores que tratam da identidade (BAUMAN, 2005; HALL, 2006; MUNANGA, 2006) e da literatura (FEITOSA, 2010).

Assim, a memória da qual falamos aqui entrecruza a memória discursiva, a memória coletiva e a memória mítica, tornando-se fundamental na construção da identidade dos personagens de obra. O processo de escrita e leitura são fatores relevantes também na manutenção dessas memórias, assim como o é a memória oral, que retroalimenta a escrita. Ambas se conjugam nesta obra para compor os personagens à medida que o próprio leitor percebe as transformações culturais operadas na Moçambique pós-guerra, perpetuada na leitura da história de Kindzu por Muidinga a Tuahir.

Metodologicamente, essa discussão é caracterizada por uma abordagem qualitativa, de cunho descritivo e interpretativo, visto que a leitura do romance em pauta será feita com base nos autores supracitados, destacando alguns excertos para análise e discussão. O recurso a esses diferentes campos de estudo se deve ao fato de que “memória” é um tema discutido em inúmeras ciências, dada a natureza ou caráter cada vez mais interdisciplinar que elas vêm assumindo, dialogando com as áreas afins para melhor configurar seu espaço. Além disso, discutir identidade é questionar nossas experiências na história e as formas como são mediadas pelo outro, pela arte e pela memória. O passado de um povo depende de sua memória e é parte formadora da sua identidade. Por isso, faz-se necessária compreendermos como a cultura literária africana em língua portuguesa veicula saberes nas narrativas que servem como fator de identidade e manutenção de tradições.

Essa discussão se organiza do seguinte modo: no tópico que segue, faremos uma incursão pelos conceitos de leitura e também de memória, essa última, desde a análise do discurso até os estudos de sociologia. No tópico seguinte, trataremos do conceito de



identidade nos estudos culturais e sociológicos. Em seguida, faremos uma análise da obra em tela e, por fim, apresentamos as considerações finais.

## SIGNIFICADO E PAPEL DA LEITURA E DA MEMÓRIA DA PRODUÇÃO CULTURAL

A análise do discurso (AD) é uma disciplina de leitura e interpretação que possibilita questionar a produção e circulação de efeitos de sentidos realizadas por sujeitos sociais, inseridos na história e que utilizam a materialidade do discurso, seja ela língua, som, imagem ou todos juntos, dada a sua natureza interdisciplinar, possibilitando analisar os sentidos que perpassam os enunciados assim constituídos, na articulação entre história e memória.

Sua contribuição para a leitura é pensá-la como um cotejamento de sentidos, em seus trajetos históricos e na rede de memória na qual se inserem com outros discursos circundantes (ORLANDI, 2002). Para início de discussão, é importante que se diga que memória não é compreendida aqui como uma simples capacidade biológica e nem se está pensando em seu funcionamento num sentido estritamente psicologista, relacionado ao já vivido pelo sujeito. A rememoração, a lembrança e o esquecimento são pensados como efeitos de memória, que nos auxiliam a tratar dos conceitos de memória discursiva, memória coletiva, memória social e memória mítica expressas em práticas culturais como a literatura.

A noção de memória discursiva foi formulada por Courtine (2009), a partir das discussões feitas por Foucault (2008), sobre a formação discursiva como um conjunto de regras que definem o exercício da função enunciativa, entre as quais está a regra da formação dos conceitos, que compreende, entre outros, um domínio de memória, constituído por enunciados em relação aos quais se estabelecem deslocamentos, continuidades ou descontinuidades. A possibilidade de formular novos enunciados se deve, em grande parte, a esse domínio de memória, que permite mobilizar um conjunto de produções prévias. A leitura e a

escrita se ancoram nesse nível de conhecimento de outros enunciados.

Esse conceito apareceu em 1981, na publicação da tese de Courtine (2009) no número 62 da revista *Languages*, na qual analisou os mecanismos pelos quais os discursos comunistas dialogavam com as formulações dos cristãos (citação, recitação, etc.). No campo da história, o conceito de memória foi mobilizado por Pierre Nora, que tratou dos lugares de memória, e por Jacques Le Goff, que tratou dos procedimentos de comemoração e rememoração.

Fazendo uma leitura linguística do conceito de Nora, Courtine (2008, p. 12-13) pensa os "lugares de memória" como "um dispositivo discursivo que organiza, para qualquer sujeito enunciativo que toma a fala em seu interior, tanto a lembrança, a repetição e o encaixamento argumentativo do que convém dizer quanto o esquecimento e o apagamento do que convém calar". Como veremos, esse procedimento em torno da memória atua na escrita/leitura dos cadernos de Kindzu, na medida em que a lembrança do passado mítico agencia o esquecimento do presente de guerra para os sujeitos da trama.

Assim, essas elaborações do conceito de memória em diferentes campos dialogam entre si. O conceito de memória discursiva migrou para a Análise do Discurso, sobretudo no Brasil, onde se banalizou e se des-historicizou, principalmente porque foi concebida como sinônimo de "interdiscurso" e "pre-construído", conceitos elaborados por Pêcheux, não coincidentes em sua totalidade, posto que esse autor se ocupou com a materialidade da língua, e não com outros rituais discursivos, como Courtine o fez.

Ao discutir o conceito de memória em um dos seus últimos textos, fruto de uma conferência intitulada *O papel da memória*, publicada como capítulo em uma coletânea de textos homônima, Pêcheux (1999, p. 50), faz uma síntese das discussões de Davallon (1999), que tematizou essa noção a partir dos trabalhos de Halbwachs. Assim, faremos uma breve alusão às conceituações de Davallon para compreendermos as formulações de Pêcheux.

Para Davallon (1999), a memória é uma dimensão intersubjetiva e grupal entre os membros de uma comunidade





e se confunde com lembranças, naquilo que ela tem de conservação do passado e de possibilidade de desaparecer com o grupo. Diferentemente da memória, a história seria, nessa concepção, o quadro dos acontecimentos, conhecimentos e documentos históricos, com capacidade de resistir ao tempo, o que não ocorreria com a memória.

Davallon (1999) concebe a memória no entrecruzamento da memória coletiva e da história. Para esse autor, a leitura tem a capacidade de colocar o leitor em um espaço de interpretação variável. Ao mesmo tempo, ele acredita que há um programa de leitura previamente formulado, que assinala um lugar ao leitor ou regula os vários lugares por ele ocupados. Pêcheux (1999, p. 52) opera um deslocamento nessas ideias e trabalha a memória "nos sentidos do entrecruzamento da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador".

Para esse autor, o percurso de leitura do qual falou Davallon (1999) está inscrito discursivamente em outro lugar, o que faz do objeto a ler algo como a recitação de um mito, visto que ele contém indicações de como ser lido. Daí deriva a ideia de que a memória discursiva seria aquilo que vem restabelecer os implícitos de que a leitura de um texto, como acontecimento a ler, necessita, não sendo, portanto, o implícito em si, como postulam alguns analistas do discurso, a exemplo de Orlandi (2002). A memória é "a condição do legível em relação ao próprio legível" (PÊCHEUX, 1999, p. 52). O texto, para a AD, não é legível em sua transparência, pois o discurso o atravessa e o constitui na opacidade.

Entretanto, esse programa de leitura nem sempre é acionado pelo leitor. Para Courtine (2008), a memória é lacunar, saturada, com eclipse, pois é produzida na ordem do discurso, que divide em fagulhas as lembranças dos eventos históricos, preenchidos na memória coletiva de certos enunciados, organizando a recorrência de uns e consagrando a anulação ou queda de outros. O funcionamento da memória nesses tempos líquidos modernos "se fundamenta na volatilidade, na efemeridade, na descontinuidade e no esquecimento" (COURTINE, 2008, p. 17), o que evidencia a necessidade da manutenção de um quadro de reflexão histórica, pois não há memória sem história. A escrita e a leitura necessitam



da memória e também do esquecimento para que o leitor acesse a memória discursiva que sustenta os discursos historicamente elaborados e dispersos.

Já o conceito de memória coletiva, mencionado por Davallon (1999), foi formulado por Halbwachs (2006), que retira a memória de uma categoria unicamente individual, vista enquanto lembrança, e lança a hipótese de que ela é também social, existindo, portanto, dois tipos de memórias das quais o indivíduo participa. O teórico afirma que:

Se essas duas memórias se interpenetram com frequência, especialmente se a memória individual, para confirmar algumas de suas lembranças, para torná-las mais exatas, e até mesmo para preencher algumas de suas lacunas, pode se apoiar na memória coletiva, nela se deslocar e se confundir com ela em alguns momentos, nem por isso deixará de seguir seu próprio caminho, e toda essa contribuição de fora é assimilada e progressivamente incorporada à sua substância (HALBWACHS, 2006, p. 71-72).

Recorrendo a Halbwachs (2006) para discutir a noção da memória social e seu papel na produção cultural, Davallon (1999) a define como elemento vivo capaz de se perpetua na consciência de um grupo ou de um indivíduo pertencente a uma comunidade do qual tal elemento é símbolo cultural. Conforme esse autor, "para que haja memória, é preciso que o acontecimento ou o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância. É preciso que se conserve uma força a fim de poder posteriormente fazer impressão" (DAVALLON, 1999, p, 25).

Memória, portanto, é uma noção complexa, não sendo possível reduzi-la a lembrança. Sua presença enquanto elemento vivo em um grupo possibilita resgatar o passado e a construção da identidade do indivíduo e do grupo, dos valores simbólicos desse grupo. A memória coletiva "só retém do passado o que ainda é vivido ou capaz de viver na consciência do grupo que o mantém" (DAVALON, 1999, p. 25). Manter a vivacidade da memória é a condição primordial para a manutenção da unidade do grupo. Essa mobilização da memória se dá pela reconstrução de dados e noções partilhadas pelos diferentes membros da comunidade, pois se trata de uma dimensão intersubjetiva.

Nesse ponto, Davallon (1999) lembra a oposição entre história e memória estabelecida por Halbwachs: a história





resiste como quadro geral dos acontecimentos. Ela se dá por uma descontinuidade no grupo social. A memória, o foco das tradições, não resiste se não houver uma vivência de seus elementos simbólicos. Assim, não basta registrar a memória para conservá-la, o que mostra o quão relevante a memória oral é para um grupo se for conservada, assim como todo documento é igualmente importante e deve ser visto como monumento, ou seja, como apenas uma fonte histórica sobre o passado, tão relevante quanto as demais.

### IDENTIDADE E COLONIALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

O fenômeno da identidade vem sendo largamente debatido nas últimas décadas e esse debate não se esgotará. Há muitas possibilidades teóricas para tratar desse fenômeno, e, aqui, recorreremos às teorizações de Bauman (2005), Hall (2006) e Munanga (2006), que se situam no campo dos Estudos Culturais e fundamentam a concepção dita “decolonial” (MIGNOLO, 2017) ou “pós-colonial” de estudo das práticas discursivas.

A identidade é teorizada por Bauman (2005), do ponto de vista sociológico, como uma constante busca de pertencimento. Esse autor aponta essa busca como um fenômeno típico da modernidade tardia e que foi trazida à tona quando se tornou problema, afinal, a maioria dos sociólogos comunga a ideia de que está havendo, para os sujeitos pós-modernos, uma crise identitária, decorrente de inúmeros fatores, dos quais o mais apontado é a globalização. Outro fator que julgamos relevante para justificar a emergência do debate sobre a identidade é a descolonização, que põs em questão as antigas submissões e as novas faces do estado-nação.

Munanga (2006), ancorando-se em Calhoun Castells, conceitua identidade como “um processo de construção de sentido, a partir de um atributo cultural, ou de um conjunto coerente de atributos culturais, que recebe prioridade sobre as outras fontes” (CASTELLS, 1999, p. 17, *apud* MUNANGA, 2006, p. 19). É desta fonte que provêm os sentidos e as experiências com as quais os sujeitos constroem sua identidade, num processo de conhecimento de si inseparável do desejo de percepção do outro.



Ao teorizar sobre a identidade, Hall (2006) elabora três categorias de sujeito, marcados por diferentes formas de inserção no mundo, que são: a) o sujeito do iluminismo, concebido como dotado de razão e unificado; b) o sujeito sociológico, cuja identidade se constrói em um diálogo com o outro; e c) o sujeito pós-moderno, concebido como fragmentário, não acabado e sempre em busca de novas identidades. Essa última concepção dialoga com a noção de que "um mesmo indivíduo, um mesmo ator coletivo pode possuir muitas identidades. Essa pluralidade de identidades pode engendrar tensões e contradições, tanto na imagem que o indivíduo tem de si como na sua ação no seio da sociedade" (MUNANGA, 2006, p. 19).

Para Hall (2006), a identidade dos sujeitos na modernidade tardia está sendo fragmentada, fazendo com que a ideia de unidade seja esquecida. Mas "o que, então, está tão poderosamente deslocando as identidades culturais nacionais, agora, no fim do século XX? A resposta é: um complexo de processos e forças de mudança, que, por conveniência, pode ser sintetizado sob o termo 'globalização' " (HALL, 2006, p. 67).

A globalização envolve um processo de interligação de sujeitos, de economias, de culturas. É essa força que está transformando a histórica dos sujeitos, mas também sob a ação de outras, como a descolonização, a modernização e seu complemento, que é a colonialidade. Para Mignolo (2017, p. 3), "a globalização tem dois lados: o da narrativa da modernidade e o da lógica da colonialidade". Sob o efeito dessas múltiplas forças, o sujeito pós-moderno rompe com a ideia de unificação.

Para Hall (2006, p. 12), "o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas". É a globalização, juntamente com o discurso de modernidade e o reforço da colonialidade (MIGNOLO, 2017) que operam, para os sujeitos, essa contradição na identidade, fazendo-os não se sentirem pertencentes a um único lugar. O sujeito pós-moderno perdeu o sentido unidade. Na modernidade tardia, têm-se sujeitos heterogêneos, atravessados por uma multiplicidade de identidades sempre



em construção, podendo-se, assim, falar em identificação, um processo em curso.

Munanga (2006) distingue três formas de identidades de origens diferentes, levando em conta que elas se constroem em contextos de forças antagônicas: a identidade legitimadora, elaborada pelas instituições dominantes da sociedade; a identidade de resistência, produzida pelos atores sociais que se encontram em posição ou condição desvalorizada ou estigmatizada pela lógica dominante, e a identidade projeto: quando os atores sociais, com base no material cultural à sua disposição, constroem uma nova identidade que redefine sua posição na sociedade.

Cada uma dessas formas desemboca em um tipo de sociedade. A primeira cria uma sociedade civil, com atores sociais organizados reproduzindo a identidade dominante; a segunda conduz à formação de comunidades, elaborando configurações coletivas de resistência; já a terceira produz sujeitos que desejam transformar-se em indivíduos.

15

Ao discutir como a identidade se relaciona com os conceitos de raça e etnia, Munanga (2006) mostra que, em época de globalização, esses conceitos ainda suscitam debates. Há uma profunda modificação nas manifestações da etnia e da raça, pois a etnia conta mais que nunca enquanto motivo de opressão e de discriminação, mas como fonte de sentido e identidade será especificada. Ela não se confunde com outra etnia, mas se subordina a princípios de auto-definição cultural mais ampla como religião, nação, sexo. Em um contexto de globalização, de circulação em rede, as identidades que perderam a "pureza", para falar assim da etnicidade que perdeu os vínculos primários, as abordagens identitárias mostram-se limitadas. Há uma necessidade evidente de se discutir essas questões identitárias de forma interdisciplinar.

O convívio de identidades diversas em um mesmo contexto estará sujeito a uma constante ameaça aos direitos do outro, e isso é fruto do processo de transformação pelo qual toda cultura passa ao interagir com as demais ao redor. Não há possibilidade de se retornar a uma pureza étnica, pois para sobreviver em um espaço cada vez mais integrado, é

necessário tornar-se híbrido, aderir a esse processo sempre em curso chamado identificação.

Assim, nossa análise do romance em questão se dará em vista de que a identidade dos sujeitos é marcada pela historicidade de uma Moçambique ainda sob efeitos da colonialidade, da retórica de modernidade (MIGNOLO, 2017) e pelas fragmentações que agem na globalização (HALL, 2006), tornando a identidade uma categoria fluida (BAUMAN, 2005), ainda que em contexto étnico tido como tradicional, pois a pureza étnica é uma ficção.



### **A ESCRITA E A MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM *TERRA SONÂMBULA***

O romance "Terra Sonâmbula", de Mia Couto (2007), utiliza, em sua composição, a narrativa oral e o conto, em um processo de intergenericidade, no qual gêneros primários se retroalimentam para formar um gênero secundário (BAKHTIN, 2011). Isso faz com que o romance se assemelhe a uma contação de história, devido à integração que faz da cultura oral de tradição africana em sua arquitetônica, ou seja, no todo que o constitui como gênero textual (tema, composição e estilo), ao mesmo tempo em que a leitura de cadernos sinaliza para um processo de colonização e inserção de uma cultura letrada.

Estruturado em 11 capítulos, são apresentadas, inicialmente, as histórias de Muidinga e Tuahir, na fuga de um campo de concentração durante a guerra civil em Moçambique (1977-1992), intercaladas pela leitura dos cadernos de Kindzu, os quais retratam a história anterior à guerra, indo até o momento de seu início. Estas histórias (ou, se preferirem, estórias), que se entrecruzam, são narradas em 3ª pessoa, quando das ações de Muidinga e Tuahir, e em 1ª pessoa, quando da leitura dos cadernos de Kindzu.

As histórias, portanto, fazem referência a tempos distintos, mas ambos marcados pela colonialidade (MIGNOLO, 2017): um referente à Moçambique pós-independência de Portugal, ocorrida em 25 de junho de 1975, e que vivia uma guerra civil motivada pelas disputas de poder entre a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO)



e a Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO); e outro era o tempo de paz, descrito no caderno de Kindzu, culminando na guerra, que fez com que todos enfrentassem longas jornadas para se manterem vivos neste contexto.

Após encontrar o *miúdo* (jovem) Muidinga envenenado por consumir um fruto, Tuahir, já velho, leva-o consigo na fuga da guerra. Essa cena é descrita a seguir:

Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada. Andam bambolentos como se caminhar fosse seu único serviço desde que nasceram. Vão para lá de nenhuma parte, dando o vindo por não ido, à espera do adiante. Fogem da guerra, dessa guerra que contaminara toda a sua terra. Vão na ilusão de, mais além, haver um refúgio tranquilo. Avançam descalços, suas vestes têm a mesma cor do caminho. O velho se chama Tuahir. É magro, parece ter perdido toda a substância. O jovem se chama Muidinga. Caminha à frente desde que saíra do campo de refugiados. Se nota nele um leve coxear, uma perna demorando mais que o passo. Vestígio da doença que, ainda há pouco, o arrastara quase até à morte. Quem o recolhera fora o velho Tuahir, quando todos os outros o haviam abandonado. O menino estava já sem estado, os ranhos lhe saíam não do nariz mas de toda a cabeça. O velho teve que lhe ensinar todos os inícios: andar, falar, pensar. Muidinga se meninou outra vez. Esta segunda infância, porém, fora apressada pelos ditados da sobrevivência (COUTO, 2007, p. 4).

17

A apresentação dos personagens mistura-os à descrição do cenário de guerra, iniciada pelo RENAMO no dia 30 de maio de 1977, contra o partido do poder, que era a FRELIMO, dois anos após a guerra de independência em um contexto maior de guerra fria, a qual representou a polarização entre o capitalismo norte americano e o socialismo soviético, fazendo agir as forças da globalização na fragmentação da identidade dos sujeitos de diversos países (HALL, 2006) e a retórica de salvação da matriz colonial de poder (MIGNOLO, 2017). É nesse contexto que os personagens estão fugindo de uma terra cheia de explosivos, passando por situações de fome, adoecimento, tendo seus corpos transfigurados e violentados.

Ambos encontram refúgio em um *machimbombo* (autocarro ou ônibus), no qual jazem corpos carbonizados de pessoas cujas almas ainda vagam por aquelas paragens, como se acredita na tradição oral dessa cultura, que é recuperada pela memória discursiva (COURTINE, 2008; 2009) mobilizada como condição de legibilidade do romance (PÊCHEUX, 1999). Chama a atenção de ambos a presença de um corpo ensanguentado, próximo ao qual está uma mala. O corpo é



de Kindzu e na mala estão seus cadernos, fio condutores da narrativa, que joga com a memória oral e as memórias coletiva e individual (HALBWACHS, 2006), não acessadas pelos personagens, traumatizados pelo contexto de guerra e que irão recompondo os fragmentos de suas lembranças pela leitura.

A fuga da guerra, ocasionada pelas lutas de descolonização e por poder local, torna-se uma procura pela identidade individual e coletiva, perdida em meio a tantos desastres. A memória, constituída de elementos simbólicos vivos nas lembranças de alguns membros do grupo (DAVALLON, 1999) e conservadas nos cadernos como uma escrita rememorativa, permitirá criar possibilidades de encontrar refúgios. Feitosa (2010, p 163-164) afirma que, “na literatura africana de língua portuguesa, mais propriamente em Moçambique, o que se constata é a presença da memória funcionando como lugar da produção de sentidos”. A memória também funciona como uma alternativa para fugir das pressões da guerra pós-independência, por intermédio de uma escrita que remete a um momento anterior.

Por esse ato de rememoração promovido pelo primeiro caderno de Kindzu, temos acesso a uma descrição do momento em que a vida muda em função da guerra. Vejamos:

E assim seguia nossa criancice, tempos afora. Nesses anos ainda tudo tinha sentido: a razão deste mundo estava num outro mundo inexplicável. Os mais velhos faziam a ponte entre esses dois mundos. Recordo meu pai nos chamar um dia. Parecia mais uma dessas reuniões em que ele lembrava as cores e os tamanhos de seus sonhos. Mas não. Dessa vez, o velho se gravatara, fato e sapato com sola. A sua voz não variava em delírios.

Anunciava um facto: a Independência do país (...).

O tempo passeava com mansas lentidões quando chegou a guerra. Meu pai dizia que era confusão vinda de fora, trazida por aqueles que tinham perdido seus privilégios (COUTO, 2007, p. 10).

A transição do pós-independência para a guerra civil teve a participação dos ex-colonizadores portugueses, insatisfeitos por perder seus privilégios. Esse conflito se instaura por uma retórica de modernidade, salvação e progresso, que traz consigo uma colonialidade (MIGNOLO, 2017), a disputa pelo controle administrativo, econômico e das identidades dos sujeitos. Para contornar os efeitos dessa matriz colonial de poder, são empregados diversos elementos da memória e da língua da



tradição Moçambicana. Embora escrito em Português, a obra possui denominações de objetos e animais em línguas nativas, além dos nomes dos personagens, que funciona como uma forma de manutenção da vivacidade da memória (DAVALLON, 1999) social e coletiva.

A leitura desses cadernos funciona, no romance, como um exercício de uma memória feita no confluir dos tempos. É um meio de “resgatar o sentido do passado no presente e vislumbrar a perspectiva do futuro” (FEITOSA, 2010, p 165). A condição em que os personagens se encontram lhes tira todas as esperanças de futuro, restando, portanto, resgatar o passado pela leitura, buscando sua identidade, pois a essa altura já não se sabe mais quem se é e o futuro é longínquo e incerto nesse cenário de guerra.

Devido aos efeitos da guerra, Muidinga não consegue lembrar do próprio nome e a que família pertence, mas se surpreende ao saber que consegue ler. A leitura do primeiro caderno desperta nele o desejo de ter uma família. Inicialmente, seu desejo não é ser Kindzu. Ele insiste em uma busca identitária e diz ao velho: “vou dizer. Estou a pensar eu sou Junhito” (COUTO, 2007, p. 29).

No plano da narrativa em que Kindzu é protagonista, a figura do seu pai, morto, lhe aparece como *xipoco* (fantasma), um recurso do autor ao sobrenatural, à crença popular como forma de manter viva uma memória mítica (DAVALLON, 1999) das tradições do passado anterior à guerra. Quando acaba a leitura de mais um caderno e muda o plano da narrativa, Tuahir decide contar a Muidinga como lhe encontrou e porque o tratou como filho, dando-lhe, inclusive, o nome do filho morto, de quem sentia imensas saudades. Mas a história do menino anterior ao momento em que lhe encontrou no campo de concentração o velho desconhece.

Na leitura do terceiro caderno são descritos o povo Matimati e Farida, figura que mudará os rumos de Kindzu. É em Matimati que Kindzu fica sabendo da existência dos guerreiros moçambicanos *Naparamas*, surgidos nos anos de 1980, durante a guerra civil, aliando saberes tradicionais, misticismo e o sentimento de pertencimento comunitário. Esses guerreiros utilizavam arco e flecha nos combates, lutando ao lado da FRELIMO, contra a RENAMO durante a guerra civil.



Esse grupo representa a busca de uma identidade étnico-racial (MUNANGA, 2006) em uma época de globalização, de opressão e de discriminação em Moçambique, na qual diversos colonizadores brancos haviam emigrado para Portugal e deixado a economia fragilizada. Nesse contexto, busca-se um sentido de identidade, formas de auto-definição da cultura, religião e de nação. Não estamos advogando a ideia de que se buscou uma "pureza" étnica, visto que, para Munanga (2006), a etnia perdeu seus vínculos primários devido ao convívio de diferentes identidades em um mesmo contexto, também marcado pela ameaça aos direitos. Entretanto, essa transformação da cultura pela globalização, se não oferece possibilidade de retornar a uma pureza étnica, clama por ações decoloniais (MIGNOLO, 2017), em que as opressões são contestadas pelos sujeitos oprimidos e discriminados.

Assim, Kindzu vai em busca desses guerreiros para tentar se tornar um, na luta contra essa nova matriz colonial de poder (MIGNOLO, 2017). Ele participa de uma cerimônia dos espíritos com o intuito de afundar navios. Seu pai já não lhe aparece em sonhos, e, ao mesmo tempo em que vai se desprendendo dos laços anteriores, cresce a demanda por novos vínculos, como é próprio ao sujeito pós-moderno (HALL, 2006). O navio enfeitiçado é o local onde está Farida, da família dos *Xipocos* (feiticeiros), como descrito na narrativa a seguir:

Farida era filha do Céu, estava condenada a não poder nunca olhar o arco-íris. Não lhe apresentaram à lua como fazem com todos os nascidos da sua terra. Cumpria um castigo ditado pelos milénios: era filha-gêmea, tinha nascido de uma morte. Na crença da sua gente, nascimento de gémeos é sinal de grande desgraça. No dia seguinte a ela ter nascido, foi declarado chimussi: a todos estava interdito lavar o chão. Caso uma enxada, nesse tempo, fuisse a terra, as chuvas deixariam de cair para sempre (COUTO, 2007, p. 56).

Nesse excerto, temos a recitação de um mito (DAVALLON, 1999), no qual a memória oral das cresças das comunidades tradicionais africanas é acionada para explicar a origem das crenças e apagar, pela leitura, as lembranças da situação vivida na guerra. A narração da história de Farida abre a possibilidade para Kindzu realizar uma nova demanda por identidade,

desta vez, pelo filho de sua nova amiga, desviando-se do seu objetivo de encontrar os *Naparamas* e tornar-se um deles.





As figuras do velho Siqueleto e do fazedor de água, Nhamataca, também causam estranhamento para quem não compartilha dessa cultura ou não consegue acessar a memória discursiva (COURTINE, 2008; 2009) engendrada na narrativa. O velho Tuahir fala a língua local e pode se comunicar com Siqueleto, que aparece nas imediações do *Machimbombo*. O jovem letrado Muidinga não a domina. Agora, é Tuahir quem vai assumir o papel de sábio e traduzir o que Siqueleto diz a Muidinga. O velho e o menino, que desabaram em um abismo, servirão de semente do novo amanhã para o Siqueleto, como segue:

Ele diz que nos vai semear.

- Semear?

- Não sabe o que é semear? É isso que nos vai fazer. Ele quer companhia, quer que nasça mais gente.

- O velho é doido, vai é matar a gente (COUTO, 2007, p. 52).

O velho Siqueleto, ao morrer, torna-se semente. Já Nhamataca, trabalhador conhecido de Tuahir da época colonial, é outra figura que guarda ligação com a terra. A recordação do passado colonial vai ser importante na constituição da identidade de Muidinga. O velho estava abrindo um buraco para fazer rio, até que conseguiu captar um *fiozozito* (pouco) da água.

Na narrativa, a paisagem insiste em uma mudança, que ocorre apenas após a leitura dos cadernos de Kindzu, mostrando um contraste entre as realidades presentes nos dois momentos da narrativa e qual era o fator responsável pela mutação na paisagem. É por meio de um efeito de memória (PÊCHEUX, 1999) que se vai, mais uma vez, criar a percepção que o sujeito tem do mundo, como segue:

À volta do machimbombo Muidinga quase já não reconhece nada. A paisagem prossegue suas infatigáveis mudanças. Será que a terra, ela sozinha, deambula em errâncias? De uma coisa Muidinga está certo: não é o arruinado autocarro que se desloca. Outra certeza ele tem: nem sempre a estrada se movimenta. Apenas de cada vez que ele lê os cadernos de Kindzu. No dia seguinte à leitura, seus olhos desembocam em outras visões (COUTO, 2007, p. 79).

A leitura é o que possibilita essa transposição a outro espaço e tempo, efeito que, ressalta o narrador, não é realizado pelo veículo automotor. Outro elemento da tradição que aparece, causando estranhamento ao próprio Muidinga, que não se lembra de um passado anterior à guerra, é a cerimônia realizada por um grupo de "idosas

profanadoras”, que estavam expulsando gafanhotos lançados por alguém e que povoavam suas plantações. Após interromper este ritual, Muidinga é exortado e violentado por elas, sem sequer compreender sua língua ou entender o porquê daquilo.



No outro plano, depois de viagens, nas quais encontra várias pessoas que irão ser decisivas para sua vida, Kindzu regressa a Matimati com Farida. No entanto, suas procuras não foram de todo cessadas. O ponto primordial desta busca se dá ao final da leitura do seu último caderno por Muidinga, quando as duas histórias se entrecruzarão.

Muidinga e Tuahir chegam à conclusão de que eles estiveram sempre estáticos. Foi o país, alvo de disputa de poder e colonização, que esteve a sonambular: “tudo acontecera na vizinhança do autocarro. Era o país que desfilava por ali, sonambulante. Siqueleto esvaindo, Nhamataca fazendo rios, as velhas caçando gafanhotos, tudo o que se passara tinha sucedido em plena estrada” (COUTO, 2007, p. 108).

É pela leitura que se vai recompondo essa mudança da identidade do país. É também pelo contato com os outros que atravessam seu caminho que as identidades dos sujeitos vão se construindo, recompondo memórias de diferentes épocas, passadas e presente. Após ler os cadernos, Muidinga vai sentir não só o desejo de saber sobre seu passado e se refugiar, ou encontrar uma fonte de distração. Ele irá confundir-se com o outro das narrativas, tal como narrado adiante:

- Certo, pai?

Pai? Tuahir sacode a cabeça. E fica cismando. Depois de um tempo, porém, sua voz se abre, em fresta de riso.

- Certo, Kindzu (COUTO, 2007, p. 122).

Tuahir e Muidinga encerram suas jornadas a caminho do mar. Debilitado e sem esperança de futuro, o velho pede ao *miúdo* que lhe ponha em um barco que avista no mar. Essa embarcação tem o mesmo nome do pai de Kindzu, Taímo. Decidido a não voltar ao *Machimbombo*, o velho fica esperando a água subir e arrastar o barco e pede que o menino leia o último caderno, ao mesmo tempo em que começa sua viagem “para um mar cheio de infinitas fantasias. Nas ondas estão escritas



mil estórias, dessas de embalar as crianças do inteiro mundo" (COUTO, 2007, p. 155).

Ao final do romance, com a leitura do último caderno, são reveladas ao leitor as identidades dos personagens, o que não significa que elas estejam já completas. Como o começo da narrativa já assinala quais são essas identidades, as buscas parecem terem sido em vão. Um feiticeiro, figura mítica que possui poderes para criar coisas e da qual depende o universo, na cultura de certas comunidades tradicionais, aparece no sonho de Kindzu. Ele profetiza dias piores que os vividos na guerra. Ao fim, Kindzu vê, ainda em seu sonho, a figura de quem tanto procura, como segue narrado sob sua perspectiva:

Mais adiante segue um miúdo com passo lento. Nas suas mãos estão papéis que me parecem familiares. Me aproximo e, com sobressalto, confirmo: são os meus cadernos. Então, com o peito sufocado, chamo: Gaspar! E o menino estremece como se nascesse por uma segunda vez. De sua mão tombam os cadernos. Movidas por um vento que nascia não do ar mas do próprio chão, as folhas se espalham pela estrada. Então, as letras, uma por uma, se vão convertendo em grãos de areia e, aos poucos, todos meus escritos se vão transformando em páginas de terra (COUTO, 2007, p. 155).

23

Assim, da mesma forma que, no início da narrativa, as roupas dos sujeitos eram assemelhadas à terra, os papéis se transformam na própria terra. A interpelação e identificação de Muidinga por Kindzu mostra que sempre houve uma proximidade entre ambos, que se dá pelos sonhos. É para ligar sonhos que Kindzu escreve, e o que ele escreve vem de seus sonhos. É lendo esses escritos que Muidinga tem acesso aos seus sonhos, que guardam a memória e tradição de seu povo. No fim, é em com sonhos que tudo se elucida. Muidinga é Gaspar, o garoto com os papéis nas mãos, filho de Farida tão procurado por Kindzu e que encontra sua identidade no exato local que serviu de fim para quem lhe procurava, assinalando a perspectiva do nascimento de um novo mundo.

Assim, a leitura se configura como um artifício enredador de memórias discursivas (COURTINE, 2008; 2009) que podem ser acessadas pelo leitor quando consegue interagir com os propósitos discursivos do autor (BAKHTIN, 2011). Essa memória é, portando, um efeito de sentido entre os interlocutores (PÊCHEUX, 1999) da arte literária. O romance é povoado de memórias individuais e coletivas

(HALBWACHS, 2006), que se entrecruzam com a memória mítica (DAVALON, 1999) para manter vivas as tradições da nação moçambicana em guerra, devido às disputas pela matriz colonial do poder (MIGNOLO, 2017), em que a identidade étnico-racial (MUNANGA, 2006) transita entre as forças da globalização e o desejo de descolonização na pós-modernidade (HALL, 2006).



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao vislumbrar o papel da leitura e da memória na construção das identidades dos personagens em Terra Sonâmbula, verificamos que a rememoração não se dá de forma linear. Há um constante rompimento com a memória, feito no contraponto do velho ao novo: Tuahir representa o passado colonial iletrado; Muidinga, letrado e jovem, representa o advento da modernidade. O rompimento com a memória, neste caso, se dá ao colocar um jovem como contador de história, papel que tradicionalmente cabe aos mais velhos e sábios (*griots*), tidos como guardiões da memória oral.

Essa convivência da tradição com a modernidade assinala um marco divisor na história moçambicana: em um cenário de guerra civil, pós-independência, as transformações são constantes. Há sonhos que se entrecruzam no desejo de um futuro de paz, e, por isso, a terra, assim como quem nela habita, é sonâmbula. Ela em si passa por transformações, as quais se dão incessantemente nos sujeitos, cuja identidade nunca está acabada.

A leitura dos cadernos de Kinzdu para Muidinga representa duplamente a possibilidade de conhecer a tradição do seu povo e de encontrar-se, conhecer-se, construir sua identidade. Muidinga é parte dessa tradição, embora esteja abrindo a possibilidade para o novo. Se a procura de identidade, a fluidez, a construção de si é própria ao país, que é sonâmbulo, o cenário de guerra civil ultrapassa as fronteiras de lutas geopolíticas tendo influências culturais e na identidade, vista como efeito de memória.



A presença de elementos que podem ser estranhos à realidade do leitor, não só na língua, mas nos espaços e seres mágicos das histórias narradas nos cadernos de Kindzu e vividas no caminho percorrido por Muidinga e Tuahir, são uma prova de que há um desejo de resgatar as lendas e narrativas orais, elementos simbólicos mantenedores da memória. É essa memória que constrói identidade. Dela, conhecemos os efeitos, de lembrança, ou de esquecimento, ambos importantes na construção da identidade não só do país, que passa por significativas mudanças, como também dos que nele habitam, indivíduos mutáveis, que se transformam em sujeitos, num processo cujo resultado final, nunca chegaremos a conhecer.

### Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução: Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAUMAN, Z. *Identidade*. Entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

COURTINE, J.J. Discursos sólidos, discursos líquidos: a mutação das discursividades contemporâneas. Trad. Carlos Piovezani. In: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. do R. (Orgs.). *Análise do discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos, SP: Claraluz, 2008, p. 11-19.

\_\_\_\_\_. *Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2009.

COUTO, M.: *Terra Sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DAVALLON, J. *A imagem, uma arte de memória?* In ACHARD, P. (Org.). *Papel da memória*. Campinas, SP: Editora Pontes, 1999, p. 23-32.

FEITOSA, M. M. M. *A percepção da paisagem na Literatura Africana de Língua: o romance Terra Sonâmbula, de Mia Couto*. In: ALVES, I. F.; FEITOSA, M. M. M. (Orgs.). *Literatura e Paisagem: perspectivas e diálogos*. Niterói, RJ: Editora da UFF, 2010, p. 163-174.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 32, n° 94, 2017, p. 1-18.

MUNANGA, K. Construção da identidade negra no contexto da globalização. In: DELGADO, I. G. (Et. al): *Vozes além da África*. tópicos sobre a identidade negra, literatura e história africanas. Editora UFJF, Juiz de Fora – MG, 2006.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. (Orgs.). *Papel da Memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999, p. 49-57.



Recebido em 06 de agosto de 2020.

Aprovado em 01 de fevereiro de 2021.

26

## WRITING AND MEMORY AS IDENTITY BUILDING TOOLS IN "TERRA SONÂMBULA", BY MIA COUTO

**Abstract:** In this article, we aims to discuss the importance of writing and memory in the constitution of identity in the romance "Terra Sonâmbula", by Mia Couto (2007). For that, we mobilized the discussions of authors from the fields of Discourse Analysis (PÊCHEUX, 1999; COURTINE, 2008; 2009), Cultural Studies (BAUMA, 2005; HALL, 2006), sociology (DAVALLON, 1999; HALBWACHS, 2006; MUNANGA, 2006) and Literature (FEITOSA, 2010). The methodology used has a qualitative approach, of a descriptive and interpretive nature, as we take the referred romance for reading and analysis, guided by the cited theories, highlighting some relevant extracts for the discussion undertaken here. We concluded that the constitution of the characters of the romance stems from the intertwining, in the reading of Kindzu's notebooks, between writing and oral memory, which



makes emerge an individual and collective memory of Mozambique, not ever triggered in the reader's discursive memory.

**Keywords:** Discourse; Reading; Memory; Identity.